

Aula 2

GEOGRAFIA E LEITURA DE MUNDO

META

Apresentar elementos que permitam aos alunos refletirem sobre a importância da Geografia, enquanto disciplina que contribui para a formação de cidadãos.

OBJETIVOS

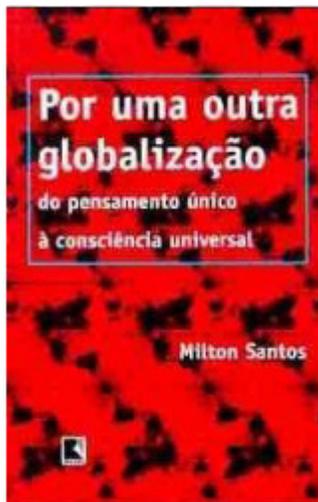
Ao final da aula o aluno deverá reconhecer a importância da Geografia para a leitura e compreensão do espaço geográfico; relacionar fatos do seu cotidiano às discussões provocadas ao longo da aula.

PRÉ-REQUISITO

Assistir ao filme “O mundo global visto do lado de cá”
[vídeo 01 aula 02]

Gicélia Mendes
Luiz Carlos Sousa Silva

INTRODUÇÃO



Na aula passada falamos da importância da aprendizagem significativa tanto para alunos quanto para professores. Destacamos, também, que tem significado os elementos que fazem parte de suas vivências. Desse modo, partimos do pressuposto de que a Geografia é a ciência que estuda o espaço produzido pelo homem, o espaço geográfico e, como tal, apresenta as condições necessárias e propícias para o entrelaçamento destas relações e destes significados, criando os links ideais para que alunos e professores vivenciem o processo de ensino e de aprendizagem repleto das vivências de cada um em grupo ou individualmente. Desse modo, a Geografia coloca-se como de primordial importância para a formação de cidadãos que leiam e atuem sobre o mundo de maneira consciente e eficaz.

Nessa perspectiva, a compreensão do espaço geográfico ocorrerá de modo satisfatório a partir do momento em que se estabeleça um diálogo permanente com este espaço “para que o aluno amplie sua visão de mundo, conheça e reconheça seu papel na sociedade tecnológica e computacional em uma economia e cultura mundializadas” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p. 23)

“Vivemos em um mundo confuso e confusamente percebido. Haveria nisto um paradoxo pedindo uma explicação?” (SANTOS, 2000, p. 17)

Em entrevista concedida a Silvio Tendler, Terêncio Porto e Marcelo Garcia em 2001, no filme “O mundo global visto do lado de cá”, produzido em 2006, Milton Santos diz que, por termos decidido viver como europeus e pensarmos como europeus recusamo-nos a pensar como nós próprios porque achamos mais “chic” pensarmos como europeus e americanos e e por isso temos uma enorme dificuldade de compreender o mundo. Segundo ele, esta enorme dificuldade nos deixa meio “atarantados” e meio

tolos diante da história que está se fazendo. Em consequência, a própria política brasileira fica perdida porque nós não sabemos o que fazer com o mundo novo, porque não descobrimos as formas de pensar esse mundo novo a partir de nós próprios.

Que tal, antes de iniciarmos esta aula você assistir ao vídeo com o filme “O mundo global visto do lado de cá” e, logo em seguida, ouvir a música “Terra”?

Vamos lá! Vai ser ótimo! O convite é para nos envolvermos, nós e você nesta aventura magnífica de compreender que estudar o nosso espaço geográfico, a partir de nós mesmos, faz toda a diferença.



<http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=cidad%C3%A3o%20no%20mundo&bav=on.2>

GEOGRAFIA E LEITURA DE MUNDO

“O mundo é o que se vê de onde se está”. (SANTOS, 2001)

A afirmativa de Milton Santos é mais um convite para refletirmos sobre o mundo e em me medida estamos, de fato, compreendendo o nosso papel enquanto habitante deste planeta.

Na disciplina que estamos estudando, a Cartografia Escolar, a proposta é trazermos elementos que nos possibilitem ler o mundo utilizando a Cartografia como ferramenta.

Vimos, desde o início, indicando a importância da aprendizagem significativa, do quanto é fundamental a realidade do aluno estar presente no processo de ensino. Continuamos nesta mesma perspectiva porque:

É fundamental termos presente que a aprendizagem envolve compreensão, pois o que se aprende sem compreender não é verdadeiro. Estudar os nomes dos rios do Brasil ou da Rússia e os eixos viários que dão acesso às principais metrópoles do País somente será válido se for para a construção de significados, ou seja, se esses estudos tiverem significado na vida das pessoas e dos nossos alunos. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p. 30)

Considerando estes aspectos, trazemos para reflexão os itens elencados por Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 27-28) para o perfil dos professores de geografia. Os autores ressaltam, e nós concordamos com eles, que este perfil não deve ser tomado como único, mas sim como um balizador da forma como nós professores de geografia podemos conduzir nossa atividade profissional.

São eles:

- dominar o conhecimento historicamente produzido no âmbito da ciência de referência e da disciplina a ser ensinada, reconhecendo o significado social que sua profissão possui e o papel que a Geografia cumpre na formação dos alunos;
- saber atuar, individualmente ou em grupo, com criatividade, flexibilidade e cooperação com seus alunos e companheiros de profissão;
- comprometer-se com a construção de seu conhecimento mediante a preocupação contínua de articular teoria e prática, sabendo que sua formação como profissional professor não se esgota com os conhecimentos adquiridos nos cursos de licenciatura e bacharelado;
- ter como princípio a interação entre pesquisa e ensino e permitir que o processo investigativo esteja sempre presente, articulado aos conhecimentos já produzidos historicamente e à realidade do aluno.

A nossa sugestão para que você assistisse ao filme “O mundo global visto do lado de cá” teve como objetivo principal fazê-lo refletir sobre o significado social de nossa disciplina, a Geografia, reconhecendo-a como de fundamental importância para a compreensão do mundo em que vivemos.

O filme apresenta muitos aspectos que nos chamam à reflexão, enquanto professores e alunos e geografia, enquanto cidadãos do mundo. Pode parecer poético, sabemos, mas viver no mundo requer habilidades que, sem as quais, seremos nele somente mais um. Na escola não é diferente. Precisamos atuar individualmente e em grupo em sistema de cooperação, um aprendendo com os outros.

Outro aspecto importante destacado nos itens acima citados refere-se à articulação entre teoria e prática e pesquisa e ensino. Articular teoria e prática, na prática, parece-nos somente fazer parte de menções teóricas, assim como a interação entre pesquisa e ensino. Não vemos estas articulações ocorrerem na prática de modo eficiente, talvez porque temos dificuldades de construir conceitos e, conseqüentemente, temos dificuldades de trabalhar deste modo com os nossos alunos.

O processo de aprendizagem deve possibilitar que o aluno construa não apenas conceitos e categorias já elaboradas socialmente, mas que (re)signifique tais instrumentais a partir da compreensão do particular, do poder ser diferente nas interpretações e mesmo assim fazer parte do contexto. (CASTROGIOVANNI, 1999, p.83)

A forma como fomos “treinados” a atuar no mundo não nos capacitou a interpretar o que nos chega às mãos. Estamos muito mais familiarizados com as repetições, as cópias de comportamentos, as contextualizações a partir do que nos parece mais confortável e seguro. Como vencer este padrão de não participação?

Muitas sugestões poderiam ser oferecidas para que a mudança de comportamento se efetivasse. Contudo, como não damos conta de trazeremos respostas prontas, contentar-nos-emos em trazer algumas poucas sugestões, a título de provocação para todos nós. Sabemos não ser nenhuma novidade, mas uma das sugestões é que façamos valer o enfoque da realidade do aluno nas aulas de geografia. É o exercício da vida cotidiana que dará o tom ao trabalho do professor. Não há como oferecer receitas prontas do modo como esta aproximação com a realidade deva ocorrer porque cada aluno e cada professor farão as articulações que serão necessárias à compreensão de sua realidade. Isto porque, ao tempo em que a realidade é a mesma para todos, é única para cada um. Cada um, enxerga, analisa, compreende, vive, articula, contextualiza, compartimentaliza, sintetiza, organiza a realidade a seu modo. A realidade passa por ilações individuais, mesmo que influenciadas por questões coletivas.

O modo como cada um de nós compreende a realidade é bastante complexa. Em Dewey (1979) podemos ver que:

Compreender é apreender a significação... Apreender a significação de uma coisa, de um acontecimento ou situação é ver a coisa em suas relações com outras coisas: notar como opera ou funciona, que conseqüências traz, qual a sua causa ou possíveis aplicações. Contrariamente, aquilo que chamamos coisa bruta, a coisa sem sentido para nós, é algo cujas relações não foram apreendidas (DEWEY, 1979, p. 139)

Partindo deste princípio, cabe-nos não perder de vista que o modo como vemos o mundo e a realidade podem, e muito provavelmente estão, ainda cheio de lacunas que são condicionadas pelas nossas limitações, em função daqui que ainda não apreendemos.

Decorre disso que toda a realidade vista por nós é transitória, resultado de um jogo de racionalidades e irracionalidades resultantes do modo como cada um se posiciona no movimento de “um relógio movido pela mais-valia universal” ou pela “realidade das atividades que, juntas, constituem a vida cotidiana” (SANTOS, 2000, p. 126)

O mundo do tempo real, do just-in-time, é aquele subsistema da realidade total que busca sua lógica nessa mencionada racionalidade única, cuja criação é, todavia, limitada, atributo de um pequeno número de agentes. O mundo do cotidiano é também o da produção ilimitada de outras racionalidades, que são, aliás, tão diversas quanto as áreas consideradas, já que abrigam todas as modalidades de existência. (SANTOS, 2000, p. 126-127)

Estamos envolvidos nestas verticalidades e horizontalidades (SANTOS, 2002) que marcam as relações no espaço geográfico. Estas relações ocorrem no nível global e no nível local e, ambas, são complementares.

O nível global e o nível local do acontecer são conjuntamente essenciais ao entendimento do Mundo e do Lugar. Mas o acontecer local é referido (em última instância) ao acontecer mundial. Desde o nascimento, o acontecimento se inclui num sistema para o qual atrai o objeto que ele acabou de habitar. O acontecimento é a cristalização de um momento da totalidade em processo de totalização. Isso quer dizer que outros acontecimentos, levados ao mesmo movimento, se inserem em outros objetos no mesmo momento. Em conjunto, esses acontecimentos reproduzem a totalidade; por isso são complementares e se explicam entre si. Cada evento é um fruto do Mundo e do Lugar ao mesmo tempo. (SANTOS, 2002, p. 164)

Percebemos, desse modo, quão complexa é a tarefa de compreender e apreender os acontecimentos do cotidiano, estando nós inseridos no Mundo e no Lugar ao mesmo tempo. Esta complexidade nos leva a refletir sobre o modo como fazemos as conexões entre os acontecimentos locais e globais e como tratamos estas questões com os nossos alunos.

Considerando estes aspectos pensemos na Geografia e na importância que esta disciplina tem no processo de formação do cidadão:

Estudar geografia (referida às ciências sociais) é basicamente ler o mundo e construir cidadania. Uma criança de séries iniciais aprende, nos primeiros anos da escola, a ler e a escrever. Ao perguntarmos: Ler

e escrever para quê? Consideramos que essas são atividades que vão instrumentalizar o aluno a viver no mundo, ou melhor, a reconhecer esse mundo e situar-se nele como cidadão. O conteúdo das ciências sociais pode ser considerado, nesta perspectiva, o pano de fundo que embasa todo este processo de iniciação escolar, que tem como fundamental a alfabetização. (CALLAI, 1999, p. 75)

Isto vale para todos os níveis de ensino. Enfatizamos as séries iniciais por considerarmos que, desde o início da escolarização, esta prática já deva fazer parte das práticas escolares, sejam elas oriundas da sala de aula, da escola ou mesmo da Geografia.

Ainda refletindo sobre tudo que dissemos até aqui:

Formar o cidadão significa dar condições ao aluno de reconhecer-se como um sujeito que tem uma história, que tem um conhecimento prévio do mundo e que é capaz de construir o seu conhecimento. Significa compreender a sociedade em que vive, a sua história e o espaço por ela produzido como resultados da vida dos homens. Isso tem de ser feito de modo que o aluno se sinta parte integrante daquilo que ele está estudando. Que o que ele está estudando é a sua realidade concreta, vivida cotidianamente, e não coisas distantes e abstratas. (CALLAI, 1999, p. 76)

É preciso que a escola acompanhe as mudanças sociais num ritmo tal que a defasagem entre a “vida real e os aprendizados trabalhados em ambiente escolar” seja minimizada a cada dia. “Os desafios globais e as novas tecnologias estão presentes na vida das pessoas, na consciência popular” (LESANN, 2009, p. 21). Estes desafios de estudar a realidade concreta estão presentes em todas as disciplinas escolares e, de modo bastante particular, na Geografia.

Por esta razão, trazemos para nós, professores de Geografia a responsabilidade de tratarmos destas questões com atenção especial, considerando a importância que tem para que os nossos alunos compreendam a função social da disciplina e, a partir daí, as possibilidades que ela traz para a leitura do mundo. Para ler o mundo utilizamo-nos de diversas linguagens e ferramentas. A que estará no foco de nossas atenções a partir das próximas aulas será a Cartografia que, salvo raríssimas exceções, efetivam-se nas aulas de Geografia.

O mundo global visto do lado de cá.

O mundo global visto do lado de cá, documentário do cineasta brasileiro Sílvio Tendler, discute os problemas da globalização sob a perspectiva das periferias (seja o terceiro mundo, sejam comunidades carentes). O filme é conduzido por uma entrevista com o geógrafo e intelectual baiano Milton Santos, gravada quatro meses antes de sua morte.

O cineasta conheceu Milton Santos em 1995 e, desde então tinha planos para filmar o geógrafo. Os anos foram passando e, somente em 2001, Tendler realizou o que seria a última entrevista de Milton (que viria a morrer cinco meses depois). Baseado nesse primeiro ponto de partida o documentário procura explicar, ou até mesmo elucidar, essa tal Globalização da qual tanto ouvimos falar.

O documentário percorre algumas trilhas desses caminhos apontados por Milton, vemos movimentos na Bolívia, na França, México e chegamos ao Brasil, na periferia de Brasília. Em Ceilândia, a câmera nos mostra pessoas dispostas a mudar as manchetes dos jornais que só falam da comunidade para retratar a violência local. Adirley Queiroz, ex-jogador de futebol, hoje cineasta, estudou os textos de Milton e procura novos caminhos para fugir do ‘sistema’ ou do Globalitarismo -- termo criado por Milton Santos para designar a nova ordem mundial.

Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM

CONCLUSÃO

Através das imagens que os alunos construam ou leiam do seu entorno, o professor poderá abordar questões que ofereçam aos alunos oportunidades de discussões diversas, ao cabo das quais terão formulado respostas e outras questões sobre o meio em que vivem. Por esta razão o ensino da cartografia pode contribuir para auxiliar os processos de compreensão do mundo.



RESUMO

Nesta aula nós conversamos a respeito da importância da Geografia para a formação de cidadão que leiam o mundo. Vimos também que a percepção dos acontecimentos do mundo está intimamente ligada com o modo como nos colocamos no mundo enquanto agentes de transformação. O filme sugerido “O mundo global visto do lado de cá” mostra elementos significativos para a nossa reflexão acerca do nosso papel social e do quanto somos e estamos condicionados a paradigmas impostos ao nosso modo

de agir, de pensar e de atuar na sociedade. Destacamos a importância da Geografia para esta leitura e ação no mundo fazendo uma associação com a importância da Cartografia enquanto ferramenta para que os professores de Geografia utilizem-se dela para melhor explicar o espaço geográfico.



ATIVIDADES

Refleta sobre o que conversamos até aqui e responda:

- Qual o seu grau de responsabilidade sobre os problemas do mundo?

COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

Para responder a esta questão será preciso que você reflita sobre o modo como você encara a sua relação com o mundo



PRÓXIMA AULA

Situando a Cartografia Escolar



AUTO-AVALIAÇÃO

Considero a Geografia e a Cartografia importantes no processo de formação do cidadão? De que forma?

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do município ou a geografia nas séries iniciais. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHAFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André (Orgs). **Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/AGB, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. E agora, como fica o ensino da geografia com a globalização? In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHAFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André (Orgs). **Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/AGB, 1999.

LESANN, Janine. **Geografia no ensino Fundamental I**. Belo Horizonte-MG: Argvmentym, 2009.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (Coleção Milton Santos, 1), 2002.

SANTOS, Milton. Entrevista concedida a Silvio Tendler, Terêncio Porto e Marcelo Garcia em 2001. In: **O mundo global visto do lado de cá**. Produção de Sílvio Tendler. São Paulo: Caliban Produções Cinematográficas, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2000